

Despersonalizar aportuguesando

12/5
82

por António Souto

«A função da ANP era transformar moçambicanos em portugueses, era fazê-los assumir a ideologia do regime colonial... Este movimento fascista, com os seus métodos perversos em relação aos moçambicanos moldava-lhes uma imagem de portugueses... Sentimo-los aqui na forma do seu comportamento e no espírito ainda como portugueses» — disse o Presidente Samora ao concluir ontem de manhã a análise do processo de comprometimento de várias dezenas de cidadãos moçambicanos que pertenceram à ANP.

No início da sessão foi sublinhada a importância que tem para a Frelimo compreender o processo de alienação de moçambicanos ao ponto de pegarem em armas e lutarem contra o seu povo.

«Nós não perderíamos tempo em ouvir nossos inimigos, se vocês não fossem moçambicanos que também temos de libertar... Não perderíamos tempo em ouvir homens que defenderam a política de algemas formando partidos fantoches, defendendo a opressão e escravatura do povo e de vós próprios para continuarem a ser moleques... Mas só tendo consciência desta realidade vocês serão capazes de se libertarem» — disse o Presidente Samora.

De entre as cerca de duas centenas de antigos membros da ANP que pediram para relatar a sua trajetória de comprometimento, ou que foram instados a fazê-lo, o Presidente da República elogiou a forma como Abel Faife demonstrou ter consciência deste processo.

Este cidadão que contou a sua história de compromisso já no final da sessão de segunda-feira fez um relato franco dos seus envolvimento com sistema colonial, acompanhado de uma análise clara e corajosa do evoluir da sua própria consciência política que alimentou estes compromissos.

O dirigente da Revolução moçambicana referiu este caso para incitar os restantes a seguirem-lhe o exemplo nas suas intervenções.

«Pela educação que vocês tiveram pensam que isto são métodos rudes. Estão habituados a confessar ao padre. Mas isto não é um confissãoário. Isto é um processo de libertação de mentalidades».

Disse mais adiante que «a prática da hipocrisia, a superficialidade e mediocridade faziam parte da cultura do colonizador».

«Contudo, — acrescentou — isto que estamos aqui a fazer é uma conquista. Isto permite estabelecer a confiança entre nós. O ambiente colonial é de desconfiança, intrigas, calúnias, boatos, desprezo. O nosso é de admiração e respeito pelo homem, é de franqueza e honestidade, é de formar o pensamento comum... Nada de confusões!».

Proseguindo a sua análise nas relações entre as pessoas num contexto colonial denunciou o espírito de vingança de se encontrar a felicidade na infelicidade dos outros. A «preocupação pelas palavras estereotipadas, ocas, sem conteúdo e que revelam incapacidade de análise», bem patentes em muitas das intervenções foi igualmente denunciada pelo Chefe do Estado.

Após ouvir mais alguns comprometidos com a ANP, Samora Machel disse que finalmente tinha podido ver como a assimilação, ambição, vaidade e alienação podiam conduzir moçambicanos a legislar e a apoiar leis contra eles próprios.

«Encontrámos casos graves de despersonalização, ausência total de dignidade... São quadros formados pelo colonialismo na ignorância da história do seu povo, alheios às transformações e ao processo.. Quer dizer: ainda não assentaram os pés em Moçambique, ainda não se identificaram com o povo».

«Por Isso — acrescentou — é necessário que haja um processo. Alguns constituem ainda um foco que tem de ser reduzido, cercado, para que as suas ideias não contaminem as crianças e jovens. O critério da verdade será a prática».

O Chefe do Estado disse também que alguns outros foram honestos e explicaram com clareza sobre a sua cobardia e traição. Informou que estes e os que pertenceram à ANP após 1973 teriam um tratamento diferente. Explicou esta distinção em relação aos ANP's do período pós-'78 com base nas formas de recrutamento que o colonialismo na sua fase agonizante impôs aos moçambicanos. «Estes não foram quadros» — explicou.